

SEGUNDA DE VAGABUNDO: UM TRIBUTO AO SAMBA NA CIDADE DE NATAL [BRASIL]ⁱ

Vagabond Monday: Paying Tribute to Samba in the City of Natal [Brazil]

ALMIR FÉLIX BATISTA DE OLIVEIRA¹ & MARILIA GUIMARÃES DA SILVA²

RESUMO

O artigo tem por objetivo descrever e analisar a prática cultural 'Segunda de Vagabundo', que ocorre todas as segundas-feiras, das 19h às 22h e de forma gratuita, no Bairro das Rocas, conhecido como berço do samba potiguar, na cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. A atividade já se transformou em movimento cultural e tem atraído não somente sambistas do bairro como de outros lugares da cidade, jovens e adultos, assim como turistas, apreciadores de uma boa roda de samba. Os turistas, informados sobre tal acontecimento, têm colaborado para a construção de mais um atrativo turístico-cultural na cidade. O presente estudo discutirá sobre a história da manifestação cultural samba, reconhecendo a sua importância como patrimônio cultural brasileiro imaterial. A metodologia usada para coleta de dados, análise e estruturação do artigo foi de ordem qualitativa, com observação participante, entrevistas com organizadores e promotores da atividade e recolhimento da opinião de turistas.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Samba; Patrimônio Cultural; Segunda de Vagabundo; Rocas, Natal-RN, Brasil.

ABSTRACT

The article aims to describe and analyze the cultural practice 'Segunda de Vagabundo', which takes place every Monday, from 7pm to 10pm, free of charge, in Bairro das Rocas, known as the birthplace of Potiguar samba, in the city of Natal, capital of the state of Rio Grande do Norte. The activity has already turned into a cultural movement and has attracted not only samba dancers from the neighborhood but also from other parts of the city, young and old, as well as tourists, who enjoy a good samba circle. Tourists, informed about the event, have contributed to the construction of another tourist-cultural attraction in the city. This study will discuss the history of samba as a cultural manifestation, recognizing its importance as an intangible Brazilian cultural heritage. The methodology used for data collection, analysis and structuring of the article was qualitative, with participant observation, interviews with organizers and promoters of the activity and gathering the opinion of tourists.

KEY WORDS

Tourism; Samba; Cultural Heritage; Vagabond Monday; Rocas, Natal-RN, Brazil.

¹ **Almir Félix Batista de Oliveira** – Doutor. Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6348825553522569>. E- mail: almirfbo@yahoo.com.br

² **Marília Guimarães da Silva** – Graduanda em Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E- mail: mariliaguima@gmail.com

INTRODUÇÃO

Samba da Bênçãoⁱⁱ	Vinicius de Moraesⁱⁱⁱ e Baden Powell^{iv}
É melhor ser alegre que ser triste	E a tristeza tem sempre uma esperança
Alegria é a melhor coisa que existe	A tristeza tem sempre uma esperança
É assim como a luz no coração	De um dia não ser mais triste não
Mas pra fazer um samba com beleza	Ponha um pouco de amor numa
É preciso um bocado de tristeza	cadência
É preciso um bocado de tristeza	E vai ver que ninguém no mundo vence
Senão, não se faz um samba não	A beleza que tem um samba, não
Fazer samba não é contar piada	Porque o samba nasceu lá na Bahia
E quem faz samba assim não é de nada	E se hoje ele é branco na poesia
O bom samba é uma forma de oração	Se hoje ele é branco na poesia
Porque o samba é a tristeza que balança	Ele é negro demais no coração

Queremos começar a nossa caminhada para a construção deste texto, trazendo à baila as palavras do poetinha e de um dos seus aprendizes de poeta. Vinicius e Baden tinham toda razão quando escreveram que o samba era uma forma de oração. Mais tarde, o mestre Candeia^v corroboraria essa afirmação em seu samba *Testamento de Partideiro*^{vi}. E se, na linha poética e de enaltecimento do samba, temos as palavras finais de *Samba da Bênção*: "Ponha um pouco de amor numa cadência / E vai ver que ninguém no mundo vence / A beleza que tem um samba, não / Porque o samba nasceu lá na Bahia / E se hoje ele é branco na poesia / Se hoje ele é branco na poesia / Ele é negro demais no coração", Candeia não fica nem um pouco atrás em sua composição, brindando-nos com: "O sambista não precisa ser membro da academia / Ao ser natural em sua poesia o povo lhe faz imortal".

O samba de Vinicius e Baden foi composto no início da década de 1960, mais precisamente no final de 1961, antes dos chamados *Afrosambas* (1966), considerados por críticos como um ponto de mudança da música popular brasileira. O samba de Candeia foi composto na década seguinte, em 1976, e lançado no LP *Em Verso e Prosa* dois anos antes do seu falecimento por complicações renais, decorrentes do fato de andar em cadeira de rodas desde 1965. Portanto, um verdadeiro testamento, pois ele já se encontrava com problemas de saúde. Os dois sambas se configuram efetivamente como duas orações, dois louvores ao gênero musical. Entretanto, são muito mais do que isso, uma vez que, em sua origem, o samba foi marginalizado, proibido e perseguido. Mais ou menos no período de composição do primeiro samba, essa prática já contava com uma data especial, o dia 2 de dezembro, como *Dia do Samba*, instituído em 1963.

Se esses dois sambas são louvores àqueles que compõem sambas ou à forma como estes devem ser compostos, isto é, revelando lugar de origem, inspirações e obrigações, faz-se preciso também tomar emprestado as palavras de outro mestre sambista, Dorival Caymmi^{vii}, em *Samba da Minha Terra*, para entendermos o samba não somente como gênero musical, mas também como dança e uma paixão nacional: "O samba da minha terra deixa a gente mole / Quando se canta todo mundo bole, quando se canta todo mundo bole / Quem não gosta do samba bom sujeito não é / Ou é ruim da cabeça ou doente do pé". Essa música e a sua dança são consideradas uma das formas mais expressivas da identidade brasileira e uma das mais tradicionais formas de apresentação do país em âmbito internacional. Tal importância para a identidade nacional permite verificar a expressão do samba como movimento cultural e produção artística em todo o país.

Neste artigo, objetiva-se descrever e analisar a prática cultural *Segunda de Vagabundo* que ocorre todas as segundas-feiras, das 19 às 22h, de forma gratuita, no Bairro das Rocas, em Natal, Rio Grande do Norte, conhecido como berço do samba potiguar. Essa atividade já se transformou em movimento cultural e tem atraído não somente sambistas do bairro como de outros lugares da cidade, de outras cidades, jovens e adultos, apreciadores de uma boa roda de samba. Também turistas, informados sobre o acontecimento, têm colaborado para a construção de mais um atrativo turístico-cultural natalense.

Em termos teóricos o presente estudo procurara discutir o reconhecimento do samba, bem como algumas de suas variantes, como patrimônio cultural brasileiro imaterial, consubstanciando-se não só como valorização, mas também como promoção dessas manifestações culturais. A metodologia usada para coleta de dados, análise e estruturação do artigo será de ordem qualitativa, com observação participante, entrevistas com organizadores e promotores da atividade e recolhimento da opinião de turistas participantes da atividade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Bebadosamba, bebadosamba... Chama, chama, chama^{viii}: um pouco da história do Samba - Autores que escrevem sobre a história do Samba (Tinhorão, 1997, Sodré, 1998, Vianna, 2007; Cavalcante Neto, 2017) remontam sua origem ao começo do século XX, como um 'filho legítimo' da cultura afrobrasileira do período da escravidão. O termo, por volta do século XIX, já era comumente utilizado para nomear atividades celebrativas cujos participantes formavam rodas

de dança. A palavra, porém, só adquiriu o sentido de gênero musical no início e durante as primeiras décadas do século XX^{ix}, até ser incorporado à lista de expressões culturais genuinamente brasileiras, a ponto de se tornar um dos maiores símbolos da identidade nacional.

Tais atividades celebrativas compreendiam danças executadas em conjunto ou decorrentes dos batuques produzidos, que geravam um singular ritmo musical. E, se retomarmos os versos de Vinicius e Baden, "porque o samba nasceu lá na Bahia", veremos que a história do samba toma como umas de suas primeiras referências de origem, tanto do gênero musical quanto da dança, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, manifestação cultural realizada pelos escravizados africanos, trazidos para realizar o processo de produção de açúcar nessa região da Bahia. Ademais, tais práticas configuravam-se como possíveis momentos de lazer e descontração, ainda que perpassadas por questões religiosas, de culto e de saudação aos orixás. Elas se somavam ao batuque, à dança, ao culto aos orixás, à prática e ao jogo da capoeira, muito comum em rodas de samba.

A cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil desde 1763 e que só perderia esse posto para Brasília em 1960, compôs-se demograficamente ao longo do tempo por uma grande quantidade de negros escravizados, libertos ou já nascidos livres, os quais trabalhavam nos chamados ofícios urbanos. Entre o final do século XIX e o decorrer do XX, o Rio passou a receber uma grande massa de migrantes, vinda de várias regiões do País, principalmente a população liberta com o fim da escravidão, os quais buscavam melhores condições de vida. Entre esses libertos estava um grande contingente vindo da Bahia, notadamente da área do Recôncavo Baiano, e que traziam consigo diversas práticas culturais com as quais estavam acostumados e que passaram a desenvolver nos novos locais de moradia.

Após os processos de Abolição da Escravidão e de Proclamação da República, a população da cidade aumentou vertiginosamente. Dados apontam que, entre a última década do século XIX e a primeira do século XX, a cidade, que registrava uma população de aproximadamente 520 mil habitantes, passou a registrar cerca de 800 mil habitantes e, duas décadas depois, contava com quase 1,2 milhão de moradores. Esse acúmulo populacional se devia ao papel que a cidade já exercia política e economicamente, bem como à sua centralidade em relação a outras regiões, à política nacional de atração de imigrantes e, consideravelmente, ao declínio produtivo-financeiro de áreas importantes como o próprio interior fluminense e as regiões mineiras e baianas.

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...":
Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte
[Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

Os locais de moradia, tanto dos antigos habitantes quanto da nova população, se transformaram também em locais de trabalho para o desenvolvimento de pequenas atividades [biscates, hoje comumente conhecido por *bicos*], constituindo-se também em lugares para a reunião e celebração de manifestações culturais, incluindo-se o culto aos orixás, os diversos tipos de comida de santo, as rodas de capoeira e o samba de roda. Esses locais de reunião, na sua total maioria, eram espaços privados proporcionados pelas chamadas tias baianas.

Uma das tias baianas mais conhecidas e reconhecida com o título de Matriarca do Samba foi Hilária Batista de Almeida ou simplesmente Tia Ciata. Conforme Moura (2022), Tia Ciata nasceu em 1854 na cidade de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano. Aos 16 anos, integrou a Irmandade da Boa Morte, na cidade de Cachoeira, também no Recôncavo, e foi iniciada no candomblé no Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho [Ilê Axé Iyá Nassô Oká]. Aos 22 anos, no ano de 1876, juntamente com uma filha criança, migrou para o Rio de Janeiro, onde se casou com João Baptista da Silva, funcionário público com quem teria outros 14 filhos. Tornou-se Mãe-Pequena^x na casa de João Abalá, posteriormente, Mãe-de-Santo muito afamada pelos festejos aos seus orixás, principalmente pelas festas que promovia em celebração a São Cosme e Damião e a sua Oxum, sincretizada como Nossa Senhora da Conceição.

Tia Ciata, líder religiosa, fez-se também uma das líderes do grupo denominado como *tias baianas*^{xi}. Muito influente nesse meio, ela foi uma das primeiras vestidas em traje composto por roupas brancas e coloridas, saia rodada, turbante, colares e pulseiras, a iniciar a tradição das baianas quituteiras^{xii} no Rio de Janeiro, uma atividade comercial com forte fundamento religioso. Além dessa atividade, também confeccionava e alugava roupas de baiana para serem usadas em peças de teatros e nos desfiles carnavalescos. Na sua residência, na atual Praça Onze, localizada em uma área que ficou mais conhecida como Pequena África^{xiii}, ocorriam festas no espaço mais comumente conhecido como terreiro e para onde se dirigiam não somente conhecidos e convidados, como vários sambistas a exemplo de Donga, Pixinguinha^{xiv}, João da Bahiana, Heitor dos Prazeres^{xv}, Sinhô, Caninha, Mauro de Almeida, João da Mata, Catulo da Paixão Cearense, entre outros. Além disso, vale lembrar que Tia Ciata era também sambista, conhecedora do improvisado, do samba de partido-alto e uma exímia dançadora do 'miudinho', o sambar de pés juntos.

O processo de popularização do samba encontra explicação no processo de popularização do Carnaval, bem como do surgimento das escolas de samba. A primeira a surgir foi a *Deixa Falar*,

fundada em 12 de agosto de 1928 por um grupo de amigos composto por Ismael Silva^{xvi}, Alcebiades Barcelos, Nilton Bastos, Edgar Marcelino dos Passos, Osvaldo Vasques e Sílvio Fernandes. Moradores do bairro do Estácio, estes participavam dos ranchos carnavalescos e aproveitaram a experiência desses para pensar as escolas. A *Deixa Falar* é considerada a primeira escola, por já reunir os principais elementos que as caracterizam atualmente, como: bateria, samba-enredo, harmonia, evolução, enredo, alegorias e adereços, fantasias, comissão de frente, mestre-sala e porta-bandeira. Se quisermos pensar uma linha evolutiva sobre as manifestações carnavalescas teremos a seguinte ordem: primeiro surgem os cordões, que com o passar do tempo se ampliaram para os ranchos, que por sua vez vão ser a origem dos blocos carnavalescos que, por fim, se transformam nas escolas de samba.

Na sequência da fundação da *Deixa Falar*, outras escolas irão aparecer a exemplo da Portela e da Mangueira e, em 1929, será organizado o primeiro concurso entre essas nova agremiações. O desfile contou com a própria *Deixa Falar*, com o *Conjunto Carnavalesco Osvaldo Cruz* [que irá se transformar na *Portela*] e com o *Bloco Carnavalesco Estação Primeira [Mangueira]*. O formato dos desfiles das escolas só surgirá quatro anos depois, em 1932, por idealização de Saturnino Gonçalves, sambista e primeiro presidente da Mangueira e implantação feita pelo jornalista Mário Filho, proprietário do periódico *Mundo Sportivo*.

O primeiro desfile / concurso contou com a presença de dezenove agremiações, com a divulgação das quatro primeiras colocadas, a saber: em primeiro, Estação Primeira de Mangueira; em segundo, duas escolas, Segunda Linha do Estácio e Vai Como Pode; e, em terceiro lugar, Unidos da Tijuca. Os desfiles dos anos seguintes foram organizados pelo jornal *O Globo*, em 1933, tendo a Mangueira como campeã. Em 1934 ocorreram dois desfiles organizados pelos jornais *O País* e *A Hora*, cujas campeãs foram, respectivamente, a Mangueira e a Recreio de Ramos. A partir de 1935, já sob a tutela governamental, os desfiles e as escolas passaram a receber subsídios financeiros públicos.

Outra razão por que o samba foi valorizado e popularizou-se, até mais importante para alguns historiadores do que a criação e os desfiles das escolas de samba, foi a difusão e uso do rádio, que se tornaria o maior meio de comunicação nacional e, por vezes, a única forma de lazer e o único veículo de informações para largas parcelas da população. Essa popularização também abriu um espaço maior na indústria fonográfica brasileira, principalmente devido ao surgimento de um mercado novo e emergente que queria ouvir samba (Caldeira, 2007). Um terceiro fator

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...":
Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte
[Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

relevante para a atribuição de um novo status ao samba, que se relaciona com a difusão desse gênero pelo rádio, é o início do primeiro governo de Getúlio Vargas em 1930 (Sandroni, 2001). Uma das principais propostas do novo governo foi a reelaboração do pacto federativo. Tal implicava uma presença maior do governo federal na vida da população brasileira, proposta aprofundada mais ainda a partir de 1937, com a implantação do autoritário e centralizador Estado Novo. Nessa perspectiva, buscou-se definir e construir uma ideia de identidade nacional e genuinamente brasileira; algo que pudesse ser considerado um aglutinador dos diferentes grupos nacionais. O samba exerceu esse papel e o rádio seria seu principal difusor^{xvii}.

Porém, conforme Schwarcz (2012), o samba difundido era bem diferente daquele praticado no passado, posto que marcado por iniciativas que procuravam diminuir, por vezes ofuscar ou até mesmo, quando fosse possível, apagar suas influências africanas. A busca era por uma desafrikanização do samba ou pelo seu embranquecimento. Nesse sentido, ao passo que existiam compositores e sambistas negros como Ismael Silva, Wilson Batista^{xviii}, Atilaf Alves^{xix}, Assis Valente^{xx}, Heitor dos Prazeres, Paulo da Portela^{xxi}, Carlos Cachaca^{xxii}, Nelson Cavaquinho^{xxiii} e Cartola^{xxiv}, entre vários outros, compositores não menos talentosos, mas brancos, ascenderam, a exemplo de Noel Rosa^{xxv}, Ary Barroso^{xxvi}, Sílvio Caldas^{xxvii}, Almirante, João de Barros (Braguinha) e, vindo da Bahia, Dorival Caymmi (Risério, 1993), que apesar de ter a mãe descendente de português com africana, por parte de pai sua ascendência era italiana. Além disso, intérpretes que se tornariam famosos, como Francisco Alves^{xxviii}, Carlos Galhardo, Orlando Silva, Mario Reis, Carmem Miranda^{xxix}, em certa medida seriam tidos como uma face mais palatável do samba (Efegê, 1982).

O segundo período do governo de Vargas, o Estado Novo, pode ainda ser observado como aquele no qual se deu continuidade ao processo de embranquecimento do samba. Sob controle do Departamento de Imprensa e Propaganda [DIP], a censura aos opositores se fez abertamente e chegou ao ponto máximo o controle do que poderia ser expresso em manifestações culturais e nos veículos de mídia. Ademais, o DIP era responsável pela produção dos textos, dos programas de rádio, dos documentários cinematográficos e de outras formas de veicular a figura de Vargas como um presidente que era 'pai' da população. Nesse sentido, o rádio foi um dos meios de comunicação mais fiscalizados pelo Departamento, já que atingia diversas classes sociais.

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...":
Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte
[Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

O DIP garantiu ao Estado Novo os elementos necessários para a construção de um novo ideal da nacionalidade brasileira, baseando-se, por um lado, na cultura popular e, por outro, na utilização de símbolos culturais, por vezes díspares, das várias regiões do País, criando uma espécie de integração nacional^{xxx}. Nesse 'novo Brasil', a mistura, a mestiçagem, foi valorizada e, o que antes era considerado um problema, uma desvantagem, transformou-se em virtude. Aspectos do cotidiano e da cultura, como a culinária, a música, a dança, a religião, foram elevados à condição de representantes da cultura brasileira. Nesse contexto, o carnaval foi unido ao samba, duas expressões anteriormente relacionadas aos negros. Mas não somente elas, haja vista que a capoeira, tipificada como crime pelo Código Penal de 1890, em 1937 fora valorizada pelo Estado Novo e transformada numa modalidade esportiva [desafricanizada, obviamente, e agora tratada como uma mistura entre português, o negro e o índio, tornando-se uma capoeira cruzada]. O candomblé também recebeu atenção do Estado Novo, passando a ser oficializado e, seu culto, liberado.

Se, por um lado, essas expressões culturais tornaram-se parte da identidade nacional e a elas foi dada a qualidade de mito fundador com forte apelo emotivo, por outro, a figura do *bon vivant*, do malandro, aquele de vida fácil, sempre a cometer pequenos ilícitos, sem grandes preocupações e sem muita relação ou quase nenhuma com o trabalho, cultivada pelos sambistas até então, precisava ser abandonada ou mesmo extirpada do convívio social. Para o Estado Novo essa figura do sambista era uma afronta, haja vista esse Estado ter se feito como o grande e único mediador das relações de trabalho, como o propulsor da industrialização, portanto, da consolidação de uma classe operária, reconhecidos os direitos trabalhistas e sociais por meio da legislação trabalhista, sindical e previdenciária brasileira. Nesse processo, as restrições à atuação política, sempre presente nos governos autoritários, recaiu sobre os comunistas, anarquistas e mesmo sobre os mendigos e vadios^{xxxii}.

Nesse contexto, o compositor Wilson Batista foi censurado pelo DIP (Dealtry, 2009). Considerado um legítimo representante desse personagem e herdeiro direto de uma geração de sambistas ditos malandros^{xxxii}, precisou de muito jogo de cintura e de *samba no pé* para fugir das perseguições. Exemplo disso foi sua composição em parceria com Ataulfo Alves, *O bonde São Januário*. Jogando nas regras definidas pelo Estado Novo e fiscalizadas pelo DIP, a letra da música dizia: "Quem trabalha é quem tem razão / Eu digo e não tenho medo de errar / O bonde São Januário / Leva mais um operário / Sou eu que vou trabalhar"^{xxxiii}. Gravada por Cyro Monteiro

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...":
Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte
[Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

para o Carnaval de 1941, depois de autorizada pelo órgão recebeu uma pequena alteração incluída pelo próprio autor: "O bonde São Januário / Leva mais um grande otário / Sou eu que vou trabalhar". Podemos dizer que essa mudança foi verdadeiramente 'coisa de malandro'.

Enquanto isso, o samba se tornava um importante produto de exportação da cultura brasileira e a primeira grande divulgadora do País e *embaixadora do samba* foi ninguém mais, ninguém menos do que Carmen Miranda. Uma das grandes referências [brancas] do ritmo, em 1939 ela foi para Nova York, nos Estados Unidos, convidada pela revista musical *Streets of Paris*, para cantar na Broadway e participar do filme *Serenata Tropical*. Com uma ascensão meteórica, transformou-se na artista mais bem-remunerada de Hollywood. Passou a ser figura comum em capas de revistas, a fazer inúmeros anúncios de publicidade e a ocupar as vitrines das lojas estadunidenses com seus discos que vendiam facilmente e em quantidades inimagináveis para uma cantora brasileira até então. Além disso, sua agenda de shows estava quase sempre lotada de apresentações que fazia em clubes americanos, na maioria das vezes, em companhia de seu famoso conjunto musical, o Bando da Lua.

Talentosa, sem dúvida, e, mesmo sendo uma branca [portuguesa de origem], cantando samba ou "algo parecido", como Noel Rosa certa vez afirmara, ou talvez exatamente por isso, ela servia estrategicamente para o projeto de valorização da mestiçagem construído pelo Estado Novo^{xxxiv}. Seu sucesso tornou-se expressão, o 'mirandismo' e todas as novas cantoras dos anos de 1930 se viam obrigadas ou terminavam por copiar a forma como Carmen cantava e se apresentava no palco, caso contrário, provavelmente não seriam ouvidas. Em 1940, já em meio à Segunda Guerra Mundial, procurando aumentar sua presença nas Américas e evitar um possível aumento da influência dos alemães^{xxxv}, os estadunidenses iniciaram a chamada *Política de Boa Vizinhança*. Ela consistia na mudança de relação entre estes e os demais países do continente ao promover principalmente a negociação entre as nações em lugar da truculência, a solidariedade em lugar da intervenção, o chamado *pan-americanismo*. Ofereciam-se colaborações que envolviam medidas de natureza econômica, tecnológica, militar e cultural. Na perspectiva cultural, o cinema recebeu um dos grandes investimentos com o fomento à produção de filmes com temáticas voltadas para esses países.

A fim de profissionalizar as produções, em 1941 entraram em cena os estúdios Disney, com o próprio Walt Disney se encarregando da tarefa. Viajando do México, passando pelo Brasil e indo até a Argentina, ele reuniu material suficiente para a montagem de dois desenhos animados:

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...": Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte [Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

Alô, Amigos [Saludos Amigos], de 1943, e *Você já foi à Bahia?* [The Three Caballeros], de 1945, ambos de grande sucesso. A primeira animação teve como música-tema *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso. Lançada em 1939, ela não havia feito muito sucesso, porém, após sua utilização no filme, transformou-se numa espécie de segundo hino nacional, tornando-se umas das músicas brasileiras mais ouvidas entre os estadunidenses. A segunda animação também exibía canções compostas por Ary Barroso, cantadas na voz de Aurora Miranda, irmã de Carmen, que também contracenava, vestida de baiana, com os personagens em desenho animado da película *Você já foi à Bahia?*, Pato Donald, Panchito Pistoles e Zé Carioca.

No caso brasileiro, além de apresentar o Brasil para os americanos, a película trouxe uma figura bem emblemática para aquele momento: o papagaio Zé Carioca. Este, mesmo não sendo o típico transgressor representado por sambistas como Wilson Batista, caracteriza-se, em síntese, como um malandro: esperto, geralmente sem dinheiro, vivendo de bicos, metido a sabichão, bom de bola, que aprendia as coisas rapidamente, bom de samba, ágil com o pandeiro e morador da ficcional e carioca Vila Xurupita no Morro do Papagaio. O personagem foi um sucesso, principalmente porque encarnava a figura do malandro, mas um malandro 'americanizado' e, por ter projetado uma imagem positiva do Brasil internacionalmente, chegando a agradar o Governo Vargas, que viu nele uma espécie de homenagem dos estadunidenses ao País.

Nos anos de 1950, após a Segunda Guerra Mundial, o samba seria ainda mais popularizado e surgiriam novos estilos musicais inspirados nele. Entre eles estava a Bossa Nova. Considerada uma sofisticação demasiada do samba tradicional, ela fora classificada pejorativamente como 'intelectualizada', 'samba de branco', 'samba da Zona Sul', como um contraponto do asfalto em relação ao morro. Teve em Vinicius de Moraes, Tom Jobim e João Gilberto seus primeiros e principais nomes. *Chega de Saudade*^{xxxvi}, de 1955, composição de Vinicius e Tom é considerada a música que marca o início da Bossa Nova e o LP de mesmo nome, lançado por João Gilberto em 1959, consolidaria o novo estilo. A soma do samba-raiz, ou a simplificação da batida do samba da escola de samba, ao jazz americano, depois de Carmen, pode ser considerada como o segundo grande produto de exportação cultural brasileiro e a responsável por manter o Brasil em evidência internacionalmente ao longo das décadas de 1950 e 1960^{xxxvii}.

Com o sucesso do samba como um produto de exportação cultural ao longo das décadas de 1940 e 1960^{xxxviii}, nas décadas seguintes essa expressão se profissionalizaria ainda mais, ao menos em relação às escolas de samba e ao samba-enredo. Como estava escrito no samba-

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...":
Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte
[Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

enredo *É Hoje* (composição nota 10 de Didi e Mestrinho) feito para o desfile do Grêmio Recreativo Escola de Samba União da Ilha do Governador: "A minha alegria atravessou o mar / E ancorou na passarela / Fez um desembarque fascinante / No maior show da Terra". Era mesmo o maior show da terra. Enfim, com a criação e inauguração do Sambódromo da Marquês de Sapucaí^{xxxxix} [Passarela Professor Darcy Ribeiro, nome oficial], em 1984, estava completo o conjunto.

A festa atrai não só os cariocas, ela atrai turistas do Brasil e do mundo. O desfile atualmente está dividido em dois grupos: Série Ouro e Grupo Especial e que na versão do Carnaval de 2024 desfilaram em 9 e 10 de fevereiro [Série Ouro] e 11 e 12 de fevereiro [Grupo Especial], respectivamente. A Secretaria Municipal de Turismo estima que mais de 790 mil turistas, sendo 750 mil brasileiros e 50 mil estrangeiros, vão ao Rio de Janeiro no período carnavalesco, a maioria deles com destino à assistência do espetáculo.

"Eu Canto Samba Porque só assim Eu me Sinto Contente..."^{xl}: O Samba do Trabalhador, uma Inspiração - O *Samba do Trabalhador*, evento semanal de grande notoriedade, cenário cultural da cidade do Rio de Janeiro, teve seu início no ano de 2005 por iniciativa do músico Moacyr Luz. O acontecimento ganhou espaço no Clube Renascença, situado no bairro carioca do Andaraí, tornando-se ponto de encontro para amantes do samba e da cultura carioca. Reunindo músicos profissionais e amadores, com um repertório que abrange clássicos do samba e composições autorais contemporâneas, o evento atrai um público diversificado, composto em média por 2500 participantes, que vai de moradores locais a turistas de diferentes partes do mundo.

Ao longo dos anos, o evento consolidou-se como um ponto de convergência cultural e social na metrópole carioca. Além de seu papel como espaço de entretenimento, o evento assume uma dimensão simbólica, atuando como catalisador da identidade cultural do Rio de Janeiro e perpetuando a tradição do samba como expressão artística e cultural brasileira. Nesse sentido, o *Samba do Trabalhador* deixa de ser uma mera festividade para atuar como uma plataforma de resistência e de celebração do samba e de sua herança. Para além de seu impacto imediato, o evento desempenha um papel fundamental na preservação e na difusão da identidade cultural carioca. Ao celebrar o legado do samba e suas múltiplas influências, reafirma a importância da música como expressão genuína da alma brasileira. Além disso, o *Samba do Trabalhador* também contribui para a valorização dos artistas locais e para a perpetuação da tradição musical do samba, inspirando novos talentos e fortalecendo os laços comunitários.

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...": Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte [Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

Ademais, o *Samba do Trabalhador* desempenha um papel significativo no contexto econômico e turístico da cidade por meio da promoção de um evento regular e de alta qualidade. Ele atrai tanto moradores locais quanto turistas, contribuindo para a dinamização da economia local mediante aumento do fluxo de visitantes e do consumo nos estabelecimentos próximos ao Clube Renascença. Mesmo diante dos desafios impostos pela dinâmica urbana contemporânea, o *Samba do Trabalhador* mantém-se como um reduto de autenticidade e convívio comunitário. Ele reforça a importância dos encontros presenciais e da vivência compartilhada da cultura. Assim, transcende sua dimensão musical para se tornar um espaço de encontro, reflexão e celebração da vida, renovando a esperança e a alegria que o samba sempre inspirou em seus admiradores.

“AS ROCAS NÃO QUER ABAFAR NINGUÉM, SÓ QUER MOSTRAR...”^{xli}: O SAMBA E A SEGUNDA DO VAGABUNDO

Berço de Café Filho, único potiguar a ocupar a Presidência da República, as primeiras ocupações do bairro das Rocas datam do século XVII, habitadas por pescadores que frequentavam o Atol das Rocas. O desenvolvimento do bairro foi fortemente impulsionado com a instalação do porto de Natal, consolidando-o como um importante polo industrial e comercial que abrigava fábricas, armazéns e estaleiros. No entanto, a população das Rocas também enfrenta desafios sociais, como a pobreza e a falta de infraestrutura básica. Apesar disso, o bairro ganhou uma cultura e identidade únicas, marcadas pela influência da pesca, da música e da religiosidade.

Um dos aspectos mais significativos da história das Rocas é a sua ligação com o samba e com outras manifestações culturais populares. O bairro foi e ainda é lar de diversas rodas de samba, escolas de samba e agremiações carnavalescas, contribuindo para a difusão e preservação dessa importante expressão da cultura brasileira. Atualmente, as Rocas passam por um processo de revitalização e valorização de seu patrimônio histórico e cultural. Projetos de reurbanização, preservação ambiental e promoção do turismo cultural têm sido implementados para resgatar a história e o potencial da região, mantendo viva a memória das Rocas e de seus habitantes.

Esse processo de revitalização pode ser verificado em algumas ações realizadas pela Prefeitura Municipal de Natal, como a recuperação do sistema de drenagem do bairro, assim como também do bairro da Ribeira, considerada uma demanda histórica da cidade, evitando alagamentos e maior deterioração do patrimônio edificado, além de facilitar o acesso. Outro

exemplo foi a instalação do Campus Natal - Cidade Alta, localizado no Centro Histórico, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, na antiga oficina de trens [rotunda] no bairro, garantindo não só a existência de mais um espaço educativo de qualidade, como promovendo a valorização desse patrimônio. Mais um exemplo pode ser verificado na própria existência dos diversos movimentos culturais e entre esses a própria roda de samba promovida pelos moradores que reconhecem nesse movimento relações de pertencimento e identidade.

Embora o samba não se restrinja a um território específico, o bairro é conhecido como o berço do samba potiguar (Coradini & Pavan, 2017) e foi o local de origem de renomados sambistas da cidade, tais como Carlinhos Zens, Debinha Ramos, Mestre Lucarino, Mestre Melé e Mestre Zorro. Desde as primeiras décadas do século XX, as ruas estreitas e casas coloridas do bairro se transformam em um palco vibrante para o carnaval com o desfile das escolas de samba que encantam a comunidade com suas cores, ritmo e alegria. Atualmente, as escolas de samba *Balanço do Morro* e *Malandros do Samba* se destacam em Natal, acumulando diversos títulos no carnaval da cidade e promovendo uma acirrada competição entre as agremiações carnavalescas. A *Malandros do Samba* foi fundada em 1958, na porta da Igreja Matriz Sagrada Família, pelo Sr. Aluizio Pereira e demais colegas apaixonados por samba.

A partir daí, iniciou a sua trajetória como um bloco de carnaval, tornando-se uma escola de samba que atualmente conta com mais de 800 integrantes. A *Malandros...* se tornou um símbolo do carnaval natalense, colecionando títulos e marcando a história da folia com sua irreverência e criatividade. Em 2024, a escola conquistou seu bicampeonato, consagrando-se como a grande vencedora do carnaval da cidade. Pouco tempo após a fundação da *Malandros...*, devido a um atrito entre seus integrantes, em 1966 surgiu a Escola de Samba *Balanço do Morro*. Criada pelo mestre Lucarino nas vésperas do carnaval daquele ano, em poucos anos a escola já fazia parte do grupo especial das escolas de samba potiguares, posto que jamais perdeu, elevando o nível do carnaval de Natal ano após ano. A *Balanço do Morro* coleciona títulos e é conhecida por suas alegorias grandiosas e fantasias caprichadas que encantam o público a cada desfile.

Para além de agremiações carnavalescas, as escolas de samba do bairro das Rocas são pilares da identidade cultural local. Elas representam a força, a criatividade e a alegria do povo, unindo gerações e perpetuando tradições que fazem parte da alma natalense. Mesmo diante de desafios, a paixão pelo samba e a união da comunidade sempre prevaleceram, garantindo a continuidade dessa rica tradição cultural. Foi nesse cenário de comunidade formada pelo samba

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...": Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte [Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

que surgiu a *Segunda de Vagabundo*, movimento cultural que ocorre semanalmente no bairro das Rocas desde 2022. Inspirada no *Samba do Trabalhador*, a roda de samba surgiu de maneira espontânea quando músicos locais como Debinha Ramos, Hugo Xanana, Anderson Tchio e Carlos Arthur, que folgavam na segunda-feira, decidiram levar seus instrumentos para tocar na calçada despretensiosamente. Na semana seguinte, fizeram isso novamente e os moradores começaram a frequentar.

De maneira orgânica e sem muita divulgação, o evento cresceu e hoje está consolidado na cidade. Realizado em frente ao Esquina Prime, Bar e Conveniência, o samba atrai uma diversidade de público, incluindo moradores, artistas de outras partes da cidade, turistas e influenciadores digitais. A iniciativa visa alimentar às segundas-feiras com um samba autêntico, sem pretensões, mas que ganhou espaço e tornou-se uma tradição na região. Atualmente, a roda de samba conta com a participação de diversos sambistas locais, oferecendo um ambiente tranquilo e acolhedor para os presentes. O evento é gratuito e acontece na rua, das 20h às 23h. A roda de samba representa um exemplo da integração do samba com a identidade local de Natal, tendo como sede o histórico bairro das Rocas. A roda de samba ocorre todas as segundas-feiras com o propósito de celebrar a música e de desempenhar um papel essencial na promoção da cultura popular e no fortalecimento dos laços sociais locais.

O evento vem se firmando como um espaço de encontro e de celebração da música, da amizade e da comunidade, no qual músicos profissionais, grupos de samba e pagode, e entusiastas da cultura popular se reúnem, criando um ambiente vibrante e carregado de energia, derrubando as barreiras entre artistas e público, e convidando todos a não apenas observar, mas também participar da festa, seja tocando tambores, dançando ao ritmo contagiante do samba ou simplesmente absorvendo a energia pulsante do evento. Além disso, o público presente reflete a diversidade de Natal, com pessoas de todas as idades, origens étnicas e classes sociais compartilhando de um espaço comum em prol da música e da cultura. De acordo com Carlos, um dos organizadores, o evento frequentemente conta com a participação de músicos de outros bairros da cidade e até de outros estados. No entanto, essa participação ocorre de forma espontânea, sem que seja divulgado previamente.

No mês de abril de 2024, o evento recebeu o prêmio Hangar de Projeto Musical Realizado, premiação que tem como objetivo reconhecer, valorizar e incentivar a produção musical brasileira em suas diversas vertentes. O sucesso do evento tem contribuído para a revitalização

do bairro das Rocas, para o impulsionamento da economia local e para a promoção da cultura do samba e da boemia na cidade, enaltecendo suas raízes musicais e fortalecendo a identidade cultural do povo potiguar.

Através das entrevistas realizadas foi possível colher os depoimentos de participantes da roda de samba. A seguir elencamos alguns deles.

Juliana de Souza, participante entusiasmada da Segunda do Vagabundo, descreveu o evento como uma roda de samba de alta qualidade, com um repertório eclético e diverso, que inclui tanto músicas conhecidas do grande público quanto composições mais recentes e menos conhecidas de artistas locais e de outras regiões do País. Ela menciona, entusiasmada, a atmosfera animada e movimentada do evento, frisando o crescente aumento do público a cada semana, refletindo o sucesso contínuo da iniciativa. Por último ela destaca a diversidade do público presente, majoritariamente composto por moradores locais dos bairros de Natal, e a ampla faixa etária que vai desde jovens até a terceira idade. Ela enfatiza a presença variada de identidades de gênero e grupos étnico-raciais, o que contribui para criar um ambiente não apenas eclético, mas também inclusivo e acolhedor. Essa diversidade de participantes é um reflexo da riqueza cultural e da vitalidade da comunidade local.

Janaína de Souza, uma carioca e apaixonada pelas rodas de samba, compartilha sua visão sobre o evento Segunda do Vagabundo. Ela ressalta a qualidade da estrutura do evento, destacando sua capacidade de se adequar ao tamanho da proposta. Além disso, Janaína elogia a diversidade de estilos de samba tocados e cantados, observando uma participação vibrante por parte da audiência. Josué Filho, um morador local que estava frequentando o evento pela primeira vez, expressou sua admiração pelo tamanho e pela organização do mesmo. Ele descreveu o ambiente como acolhedor e expressou sua intenção de retornar em outras ocasiões. Além disso, Josué também elogiou a diversidade do público presente e a qualidade da música, destacando a riqueza cultural e a experiência enriquecedora proporcionada pelo evento.

Daniel Cabral, morador do interior do Estado do Rio Grande do Norte, admirador e frequentador assíduo de rodas de samba, compartilhou sua perspectiva sobre o evento, afirmando que se tornou sua roda de samba preferida na cidade. Ele elogiou a atmosfera diversificada do evento, destacando a alegria do público presente. Daniel observou que, apesar da popularidade crescente, o evento ainda não está lotado, o que proporciona um ambiente confortável para desfrutar da música, saborear uma boa cerveja e socializar com amigos.

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...": Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte [Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

Figuras 1 e 2: Entrega do Prêmio Hangar 2024



Fonte: Carlos Arthur. Acervo Pessoal

Figuras 3 e 4. Rodas de samba dias 8-4-24 e 15-4-24



Fonte: Acervo Pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Há muito tempo eu escuto esse papo furado dizendo que o samba acabou, só se foi quando o dia clareou”. Iniciamos este artigo com versos de sambistas e o finalizaremos da mesma forma, dessa vez, com versos de Paulinho da Viola para afirmar que os exemplos, e a roda de samba formada em função do Segunda de Vagabundo é um dos tantos desses, mais que confirmam: o samba de fato só acaba ou acabará quando o dia clarear. Ao longo das mais de dez décadas tratadas aqui, o gênero musical e mesmo a dança persistiram, renovaram-se, mantiveram tradições e viraram patrimônio cultural imaterial brasileiro registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN], em diversas variações espalhadas por todo

território nacional. Serviram e continuam servindo como símbolo de identidade e de diversidade cultural, incluindo-se aí a sua perspectiva religiosa.

O primeiro samba a ser reconhecido como Patrimônio Nacional foi o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, cujo Registro foi feito pelo Conselho Consultivo do IPHAN na data de 5 de outubro de 2004 e abrangeu todo o Estado da Bahia. O segundo reconhecimento atendeu a outra forma de samba, o chamado Jongo no Sudeste, no dia 15 de dezembro de 2005, o qual é praticado em todos os estados da Região Sudeste. Posteriormente, a manifestação denominada de Tambor de Crioula do Maranhão também viria a ser registrada como Patrimônio, em 29 de junho de 2007, a qual é tocada e dançada em todo o Estado do Maranhão. Por fim, e parecendo 'esperar' os reconhecimentos dessas manifestações, foi a vez das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido alto, samba de terreiro e samba-enredo, as quais foram registradas em 20 de novembro de 2007 e cujo território de abrangência é todo o Estado do Rio de Janeiro. Todos esses registros encontram-se nos Livros das Formas de Expressões.

Para coadunar com essa importância, tanto em perspectiva de manifestação cultural como de identidade nacional, trazemos mais duas questões: (a) o fato de a Assembleia Legislativa do Estado Rio de Janeiro estar transformando em patrimônio histórico e cultural imaterial estadual o Museu do Samba existente no Morro da Mangueira há 23 anos e que foi fundado pelos netos de Cartola e Dona Zica (Castro, 2013). A autora é a deputada Dani Balbi (PCdoB), cuja proposta já foi aprovada em segunda discussão na data de 10 de abril deste ano; (b) a celebração, no último dia 13 de abril, do Dia Nacional da Mulher Sambista em homenagem à data de aniversário de Dona Ivone Lara^{xliii}.

"Esquentai vossos pandeiros, iluminai os terreiros que nós queremos sambar!". Assim como a famosa *Aquarela Brasileira*, os eventos Samba do Trabalhador, no Rio de Janeiro, e a Segunda de Vagabundo, em Natal, embora com origens e dinâmicas próprias, convergem para o mesmo objetivo: a diversão do trabalhador. Ambos começaram com o objetivo de divertir os trabalhadores que folgavam na segunda, queriam aproveitar o samba e celebrar a cultura popular.

O Samba do Trabalhador se consolida cada vez mais como um reduto de autenticidade e convívio comunitário. Portanto, mais que um evento musical, o samba se torna uma plataforma de resistência cultural e de preservação da tradição do samba como expressão artística genuinamente brasileira. Em Natal, a "Segunda de Vagabundo" surge como um movimento

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). "Eu fui fazer um samba em homenagem...": Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte [Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

orgânico e espontâneo nascido do desejo de compartilhar a paixão pelo samba. Mais do que um ritmo musical, o samba é um modo de vida que celebra a comunidade, a alegria e a resistência. Através da música e da dança, esses eventos constroem pontes entre gerações, preservam a memória cultural e reafirmam a identidade local, conectando a história do povo às suas raízes.

REFERÊNCIAS

- Brasil. (1941). *Lei das Contravenções Penais*, Decreto-Lei nº 3.688, 3-10-1941. *Lei da Vadiagem*. [Link](#)
- Caldeira, J. (2007). *A construção do samba*. São Paulo: Mameluco.
- Castro, M. B. de (2013). *Zicartola: política e samba na casa de Cartola e Dona Zica*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Castro, M. B. de (2016). *Nos quintais do samba da Grande Madureira: história, memória e imagens de ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Olhares.
- Cavalcante, J. de L. Neto. (2017). *Uma história do samba: As origens*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Coradini, L., & Pavan, M. A. (2017). Mulheres das Rocas: imersão do documentário no espaço-tempo dos personagens do samba em Natal-RN, Brasil. *Vivência: Revista de Antropologia*, (50), 11-23. [Link](#)
- Dealtry, G. (2009). *No Fio da Navalha*. Malandragem na literatura e no samba. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Efegê, J. (1982). *Figuras e Coisas do Carnaval Carioca*. Rio de Janeiro: MEC.
- Matos, C. N. de (1982). *Acertei no Milhar: samba e malandragem no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Moura, R. (2022). *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. São Paulo: Todavia.
- Prefeitura de Natal. (2024). *Conheça Melhor seu Bairro*. Rocas. [Link](#)
- Prefeitura de Natal (2023, 12-9). *Bairro das Rocas comemora 76 anos*. Secom, Prefeitura de Natal. [Link](#)
- Risério, A. (1993). *Caymmi: uma utopia de lugar*. São Paulo: Perspectiva.
- Saiba mais (2024). Prêmio Hangar de Música celebra talentos e ancestralidade no TAM. *Agência Saiba Mais - Cultura*. [Link](#)
- Sandroni, C. (2001). *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Schwarcz, L. M. (2012). *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma.

De Oliveira, A.F.B., & Da Silva, M.G. (2024). “Eu fui fazer um samba em homenagem...”: Abrindo alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande do Norte [Brasil]. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(2), 304-324.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i2p304>

Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.

Silva, T. A. (2023). *Afroturismo como Ferramenta para um Turismo Antirracista: estudo de possibilidades no bairro das Rocas em Natal-RN*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. [Link](#)

Soares, V. (2024, 05 de mar.). Segunda de Vagabundo se reúne nas Rocas para celebrar boemia. *Agência Saiba Mais - Cultura*. [Link](#)

Sodré, M. (1998). *Samba, o Dono do Corpo*. Rio de Janeiro: Mauad.

Tinhorão, J. R. (1997). *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: 34.

Vianna, H. (2007). *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Vieira, J. (2023, 20 de set.). Quintas de Samba. *Portal da UFRN*. [Link](#)

NOTAS

ⁱ O título original deste artigo registra: “Eu Fui Fazer um Samba em Homenagem...”: Abrindo Alas para a Segunda de Vagabundo nas Rocas em Natal, Rio Grande Do Norte [Brasil], alterado por razões editoriais, para melhor adequação ao inglês.

ⁱⁱ Esse samba foi composto em 1961 e foi a público pela primeira vez em 1962 e gravado em 1963. [Link](#)

ⁱⁱⁱ Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes – Vinicius de Moraes (1913–1980), foi um poeta, dramaturgo, jornalista, diplomata, cantor e compositor brasileiro.

^{iv} Baden Powell de Aquino – Baden Powell (1937–2000), foi um violonista e compositor brasileiro. Considerado um dos maiores violinistas brasileiros.

^v Antônio Candeia Filho (1935-1978) mais conhecido como Candeia, sambista, compositor e cantor, foi um dos fundadores da Portela (Castro, 2016).

^{vi} Candeia - Testamento de Partideiro [Link](#)

^{vii} Dorival Caymmi (1914-2008) foi um sambista, compositor, cantor, poeta, pintor e ator brasileiro. Baiano usou muito bem essa sua origem para se inspirar em suas composições. Ouça O Samba da Minha Terra em [Link](#)

^{viii} O samba Bebadosamba foi composto pelos sambistas Paulinho da Viola e Elton Medeiros em 1996 e transformado em outro louvor às gerações de sambistas. Paulo César Batista de Faria – Paulinho da Viola (1942), é um produtor musical, violonista, cavaquinista, bandolinista, cantor e compositor brasileiro. Élton Antônio Medeiros (1930-2019) foi um compositor, cantor, produtor musical e radialista brasileiro

^{ix} Isso ocorreu com a gravação do primeiro samba, “Pelo Telefone”, em 1916, composição tida como coletiva, mas que fora registrada como uma parceria entre os compositores Donga e Mauro de Almeida.

^x Mãe-Pequena corresponde a uma espécie de auxiliar do líder do terreiro.

^{xi} São várias as tias baianas e quase todas elas exerciam papel de liderança em comunidades de terreiros, no trabalho urbano, na condição de quituteiras ou quitanteiras, desenvolvendo atividades em estabelecimentos comerciais no centro da cidade. Citamos alguns exemplos: Tia Bebiãna, Tia Celeste, Tia Dadá, Tia Davina, Tia Gracinda, Tia Mônica, Tia Perpétua, Tia Sadata, Tia Veridiana e Tia Perciliana, mãe do sambista e compositor João da Baiana (1887-1974).

^{xii} “Além de doceira, Tia Ciata era perita em toda a cozinha nagô, no xinxim de galinha de Oxum feito com azeite de dendê, cebola, coentro, tomate, leite de coco e azeite, no acarajé de feijão branco e camarão, no sarapatel de sangue de porco e miúdos, prato espantoso para o paladar ocidental, ou no tradicional vatapá baiano, ainda na receita tradicional, com caldo de cabeça de peixe” (Moura, 1983, p. 148).

^{xiii} A região portuária, onde ficava o Cais do Valongo, tornou-se conhecida também como Pequena África.

-
- ^{xiv} Alfredo da Rocha Vianna Filho – Pixinguinha (1897-1973), foi um compositor, arranjador, maestro, professor, flautista e saxofonista brasileiro.
- ^{xv} Heitor dos Prazeres (1898—1966) foi um compositor, cantor e pintor brasileiro. Foi um dos pioneiros na composição dos sambas e participou da fundação das primeiras escolas de samba do Brasil.
- ^{xvi} Milton de Oliveira Ismael Silva – Ismael Silva (1905-1978), foi um compositor e cantor brasileiro.
- ^{xvii} Sobre isso, o Decreto Nº 21.111 de 1º de Março de 1932 que regulamentou a execução dos serviços de radiocomunicação em todo território nacional e o significado em termos de transmissão de propaganda pelas emissoras levou empresas a investirem na produção de aparelhos de rádio mais baratos e de fácil aquisição, popularizando ainda mais o samba.
- ^{xviii} Wilson Baptista de Oliveira - Wilson Batista (1913—1968) foi um sambista, cantor e compositor brasileiro. Conhecido também por ser o protótipo do sambista malandro.
- ^{xix} Ataulfo Alves de Sousa (1909—1969) foi um compositor e cantor de samba brasileiro.
- ^{xx} José de Assis Valente (1911—1958) foi um ilustrador e compositor brasileiro. Escreveu músicas para Carmem Miranda e é o autor de Cai, cai balão e Brasil Pandeiro.
- ^{xxi} Paulo Benjamin de Oliveira – Paulo da Portela (1901—1949) foi um sambista e compositor, fundador da mais antiga Escola de Samba em atividade, a Portela
- ^{xxii} Carlos Moreira de Castro – Carlos Cachaca (1902—1999) foi um sambista e compositor brasileiro, um dos fundadores da GRES Estação Primeira de Mangueira.
- ^{xxiii} Nelson Antônio da Silva – Nelson Cavaquinho (1911—1986) foi um sambista, compositor, cavaquinista (juventude) e violonista (maturidade), desenvolvendo um estilo inimitável de tocá-lo, utilizando apenas dois dedos da mão direita.
- ^{xxiv} Angenor de Oliveira – Cartola (1908—1980), foi um cantor, compositor, poeta e violonista. É considerado por diversos músicos e críticos musicais como o maior sambista da história da música brasileira. Foi um dos fundadores da GRES Estação Primeira de Mangueira.
- ^{xxv} Noel de Medeiros Rosa (1910-1937) ou simplesmente Noel Rosa foi um sambista, cantor e compositor que faleceu prematuramente aos 26 anos em decorrência de uma tuberculose adquirida devido às noites perdidas em farras, bebedeiras, consumo de cigarro e à má alimentação. Ele é lembrado como um dos modernizadores da forma de compor sambas e do uso de temáticas cotidianas (Schwarcz & Starling, 2015).
- ^{xxvi} Ary Evangelista Barroso (1903—1964) foi um compositor, cantor e locutor de rádio, ficando famoso por seus "sambas-exaltação", sendo conhecido como autor de *Aquarela do Brasil e Você já foi a Bahia?*.
- ^{xxvii} Sílvio Antônio Narciso de Figueiredo Caldas – Sílvio Caldas (1908—1998) foi um cantor e compositor, um dos grande nomes da chamada Era do Rádio
- ^{xxviii} Francisco de Moraes Alves – Francisco Alves, Chico Alves ou Chico Viola (1898—1952), considerado um dos maiores, mais populares e versáteis cantores brasileiros. A qualidade de seu trabalho lhe rendeu em 1933 a alcunha de "*Rei da Voz*".
- ^{xxix} Maria do Carmo Miranda da Cunha – Carmen Miranda (1909—1955), foi uma cantora, dançarina e atriz luso-brasileira. Sua carreira artística transcorreu no Brasil e Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950. Trabalhou no rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão
- ^{xxx} Segundo Schwarcz e Starling (2015. p. 378): "um turbante de baiana aqui, ali um pandeiro ou um tamborim pinçados do morro carioca, acolá um toque de berimbau e um passo de capoeira, mais adiante um mulato de voz macia que resume todos os brasileiros — ao sul do equador nada é puro, e tudo estaria misturado".
- ^{xxxi} Vide a chamada "Lei da Vadiagem", Decreto-Lei nº 3.688 de 3 de outubro de 1941 sancionado pelo Governo Vargas. No seu Artigo 59, informava: "entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita: Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses" (Brasil, 1941).
- ^{xxxii} Esse tipo assumido por Wilson Batista inclusive iniciou uma querela entre ele e Noel Rosa em 1933, após Francisco Alves ter gravado e feito sucesso com o samba "Lenço no Pescoço", de Wilson. O samba era uma verdadeira apologia e exaltação ao malando com algumas estrofes que diziam: "Meu chapéu do lado /Tamanco arrastando /Lenço no pescoço /Navalha no bolso /Eu passo gingando /Provoco e desafio /Eu tenho orgulho em ser tão vadio /Sei que eles falam deste meu proceder /Eu vejo quem trabalha, andar no miserê /Eu sou vadio porque tive inclinação /Eu me

lembro era criança tirava samba-canção /Comigo não /Eu quero ver quem tem razão. No mesmo ano Noel respondeu com o samba Rapaz Folgado, que retrucava esse personagem, dizendo: Deixa de arrastar o teu tamanco /Pois tamanco nunca foi sandália /E tira do pescoço o lenço branco/ Compra sapato e gravata /Joga fora esta navalha que te atrapalha /Com chapéu do lado deste rata /Da polícia quero que escapes /Fazendo um samba-canção /Já te dei papel e lápis /Arranja um amor e um violão /Malandro é palavra derrotista /Que só serve para tirar /Todo o valor do sambista /Proponho ao povo civilizado /Não te chamar de malandro /E sim de rapaz folgado”.

^{xxxiii} Ouvir em [link](#)

^{xxxiv} Conforme Schwarcz e Starling (2015. p. 376): “Seu repertório e estilo incluíam canções de letras indecifráveis, uma coreografia que misturava vagos elementos de samba com um vocabulário gestual exuberante e comum lado musical cômico, rítmico e acelerado, além de um cenário de extrema cafonice tropical. Por improvável que pareça, essa mistura tinha ‘bossa’, isto é, tinha jeito e talento, coerência e estilo. Carmen Miranda só se apresentava vestida como uma baiana incrementada — inclusive, de lamê vermelho escuro —, com um imenso turbante de arco-íris na cabeça capaz de acomodar uma ou duas cestas com apliques de pérolas e de pedras coloridas transbordando bananas e outras frutas tropicais de cera, enormes brincos dourados nas orelhas e pulseiras a granel. Para completar o figurino, altíssimas sandálias-plataforma, fundamentais para quem media apenas 1,52 metro de altura, e mais penduricalhos, e ela quase desaparecia dentro da gargantilha de contas graúdas e da profusão de balangandãs — pencas de figas e amuletos que originalmente representavam um pedido ao santo ou pagamento de promessa. No final de cada apresentação, Carmen tinha reinventado o Brasil. Ela dissolvia numa brasilidade genérica negros, brancos e índios, e celebrava um país híbrido, alegre e harmônico.”

^{xxxv} O Governo Vargas acreditava que um modelo positivo para a organização e administração do Estado brasileiro poderia ser feito como os nazistas vinham desde 1933 fazendo na Alemanha. Nesse sentido, Vargas passou não só a flertar com o nazifascismo como a colaborar com este, vide o caso da entrega aos alemães de Olga Benário Prestes, companheira do líder comunista Luis Carlos Prestes.

^{xxxvi} Chega de Saudade: ouvir em [link](#)

^{xxxvii} Evidentemente, o grupo da Bossa Nova não se restringia a Vinicius, Tom e João. Compunha-o outros artistas como: Carlos Lyra, Newton Mendonça, Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Edu Lobo, Baden Powell, bem como algumas mulheres como Astrud Gilberto, e Nara Leão.

^{xxxviii} Aliás, a propaganda feita pelo regime civil-militar implantando em 1964 e recrudescido em 1968, que também era ufanista e queria apresentar a sua versão de identidade nacional, utilizou-se dessa expressão.

^{xxxix} Localizado na Avenida Marquês de Sapucaí, zona central da cidade, tem sua maior área situado no Centro do Rio de Janeiro, porém com o seu final depois da Avenida Salvador de Sá, no bairro Cidade Nova. Em 2021, foi tombado pelo IPHAN.

^{xl} Trecho da música Eu Canto Samba composta por Paulinho da Viola em 1987.

^{xli} O título é inspirado no samba Palpite Infeliz composto por Noel Rosa em 1935.

^{xlii} Dona Ivone Lara foi uma compositora e cantora brasileira conhecida como a Rainha do Samba e Grande Dama do Samba. Foi a primeira mulher a assinar um samba-enredo, em 1947 na Escola da Serrinha, e a fazer parte de uma ala de compositores de escola de samba, a Império Serrano em 1965.

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 20 ABR 24

Aceito: 11 JUN 24